

A RELAÇÃO SERTANEJO-NATUREZA: a açudagem como constituidora de uma cultura escriturística no sertão do Seridó potiguar

Francisca Araújo Saraiva⁶⁷

RESUMO:

A prática da açudagem era um fenômeno técnico recorrente no sertão do Seridó no século XX. Vista pela perspectiva de salvação da seca para os sertanejos, foi amplamente impulsionada pela imprensa estadual. Os açudes, dessa forma, modificaram o espaço natural do Seridó, afetando a região do Seridó e expressando-se também por meio da narrativa memorialista como inerente a esse sertão. Portanto, é objetivo deste artigo pensar a prática da açudagem nordestina como impulso para a gestação de uma cultura escriturística acerca dessa prática no Seridó a partir da narrativa escrita em periódicos nordestinos das décadas de 1930 e 1940 e em obras memorialísticas seridoenses, como o livro “Sertões do Seridó” (1980) de Oswaldo Lamartine de Faria.

PALAVRAS-CHAVES: Açudagem; Seridó; Seca.

THE RELATION SERTANEJO-NATURE: The “Açudagem” As A Practice That
Constitutes A Writing Culture In The Seridó Potiguar Hinterland

ABSTRACT:

The practice of damming was a recurring technical phenomenon in the Seridó hinterland in the 20th century. Seen from the perspective of saving the sertanejos from drought, it was widely promoted by the state press. The dams thus modified the natural space of the Seridó, affecting the Seridó region and also expressing themselves through the memorialist narrative as inherent to this sertão. Therefore, the purpose of this article is to consider the practice of damming in the northeast as an impetus for the creation of a culture of writing about this practice in the Seridó, based on the narratives written in northeastern periodicals in the 1930s and 1940s

⁶⁷ Licenciada em História (2023) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-graduação em História do Ceres, também pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8043953612081879>. E-mail para contato: francisca.araujo0000@gmail.com.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

and in memorialist pieces from the Seridó, such as the book “Sertões do Seridó” (1980) by Oswaldo Lamartine de Faria.

KEYWORDS: “Açudagem”; Seridó; Drought.

Introdução

A açudagem constitui uma prática tecnicista de represamento da água por meio do preparo da área escolhida para abrigar o açude. Essa construção demanda tempo, ferramentas e muita força de trabalho. Na literatura seridoense o açude aparece em destaque como um espaço de abastecimento dos sertanejos, mas também de lazer para esse povo (Bezerra, 2013).

Em face da cultura escriturística seridoense ser rica a respeito dessa temática, o objetivo deste artigo é pensar a prática da açudagem nordestina como impulso para a gestação de uma cultura escriturística acerca dessa prática no Seridó a partir da narrativa escrita nos periódicos “A Ordem” e “Diário de Natal” entre as décadas de 1930 e 1940 e na obra memorialística “Sertões do Seridó”, de Oswaldo Lamartine de Faria.

A obra literária de Faria é um compilado de alguns dos seus ensaios publicados no século XX em periódicos e apresenta uma narrativa rica acerca da importância da açudagem para o Seridó, trazendo detalhes sobre o açude e sobre a cultura seridoense que abraçou a construção dos açudes no século XX. Além disso, o livro é um rico material a respeito da representação dos açudes, uma vez que a quantidade de detalhes escritos através do depoimento de sertanejos e das memórias da juventude do próprio autor constituem uma representação memorialística do espaço do Seridó e da açudagem.

Açudagem: o oásis do Seridó potiguar

Em uma matéria escrita para o jornal “A Ordem”, o jornalista Gomes Pimentel (1939) ressalta o Seridó como um exemplo primoroso do sucesso e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

necessidade da açudagem, seja pequena, média ou grande. Em perigo de desertificação (Morais, 2005), longe do litoral, imersa em uma região geograficamente desfavorecida, não obstante, o Seridó é apontado pelo engenheiro e autor Roderic Crandall como um sucesso de economia do estado norte rio grandense em decorrência da abundância dos açudes em seus territórios:

O Seridó é [...] uma região estranha, amplamente ondulada, de solo raso, quasi inexistente e vegetação escassa, em tufo, incapaz de se generalizar mesmo durante a curta e incerta estação húmida. É uma das regiões secas, mais quentes menos propícia á vida humana em todo o Brasil. E é o trecho mais produtivo do Rio Grande do Norte. Deve-se este surpreendente fato á pequena açudagem. Os cursos d'água do Seridó, vão de açude a açude. [...]. E durante os longos meses de estadia toda a vida se concentra ao derredor da água armazenada que criou em torno de si um verdadeiro oásis verde e produtivo [...]. (GOMES, Jornal A Ordem, 1939, p.2)

Nesse sentido, percebe-se que a açudagem é o fator de destaque que a região do Seridó possui para se enfatizar diante das demais regiões do estado. No artigo jornalístico, essa prática é defendida com base no discurso científico do engenheiro estadunidense Roderic Crandall e endossada pelo jornalista Gomes Pimentel ao publicar seu texto no jornal norte rio grandense “A Ordem”. A pesquisa nos jornais “A Ordem” e “Diário de Natal” ao longo das décadas 1930 e 1940 demonstrou que essa matéria não é um fato isolado. Pelo contrário, as matérias que apontam a prática da açudagem como um aspecto importante para a superação das mazelas da seca são amplas e com argumentos diversificados em favor dessa técnica.

Voltando-se para o estado do Rio Grande do Norte e, especificamente para a região geográfica e histórica conhecida como Seridó, é possível perceber a existência de um amplo incentivo dos jornais de maior circulação no período das décadas de 1930 e 1940 para a prática da açudagem nesse território, sem discriminação quanto ao porte do açude. Desse modo, observa-se a açudagem como uma tentativa de romper a força da natureza ao tentar criar um meio de manter o seridoense em suas

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

terras durante os períodos de escassez através de técnicas de represamento de água, como açude e barragens por exemplo (Guerra, *Jornal A Ordem*, 1948).

De acordo com a historiadora Ione Moraes (2005), o Seridó possui uma divisão atualizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a qual conta com dez municípios; e uma divisão geográfica com base na construção histórica da região, superando a atual divisão e abrangendo os territórios de municípios atuais, como Caicó, Currais Novos, Acari, Cruzeta, dentre outros. A história dessa região é presente na historiografia principalmente através de três elementos chaves para a compreensão do Seridó, a saber: a seca, a pecuária e o algodão (Medeiros Neta, 2007).

Assim sendo, o Seridó é uma das muitas regiões sertanejas do Nordeste marcadas pela presença da seca desde antigos registros, como ressalta o padre José Adelino Dantas (2008), ao mencionar os registros de seca na região, datados desde o século XVII, destacando a abundância da fome, da morte e da miséria como consequências. Contudo, a despeito da presença constante da seca na região, na década de 1930 os impactos foram mais fortes, uma vez que se destaca a contingência de retirantes seguindo para cidades menos afetadas pelos problemas da escassez, como Caicó, por exemplo, que foi o destino de milhares de retirantes seridoenses atingidos pela estiagem (Andrade, 2007).

Diante dos flagelos da seca que atingiam os estados da região do “Polígono das Secas”, cujo Rio Grande do Norte fazia parte, amplamente noticiados na imprensa desde a seca de 1877-1879, o governo federal desenvolveu a “A Inspetoria de Obras Contra as Secas” (IOCS) uma repartição criada através do Ministério de Viação e Obras Públicas em 1909 para combater a seca por meio da promoção de soluções emergenciais, tais como a construção de obras públicas e de estudos tecno-científicos (Guerra, 1981) nas áreas afetadas. A IOCS permaneceu em atividade ao longo dos governos, embora suas funções públicas tenham sido

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

incrementadas ao longo das décadas e sua nomenclatura tenha sido alterada pela última vez em 1945 durante o governo Vargas para “Departamento Nacional de Obras Contra as Secas” (DNOCS) (Andrade, 2020).

Conforme ressalta Andrade (2020), no início da sua criação, o DNOCS possuía um lado científico afluído preocupado em desenvolver estudos acerca do solo, clima, geografia, dentre outros aspectos da zona do “Polígono das Secas”, a fim de fundamentar cientificamente a construção das obras nos lugares mais afetados pela estiagem. Nesse sentido, destaca-se uma visão tecnicista acerca do sertão nordestino, uma vez que as construções de rodagens, açudes e barragens promovidas pelo DNOCS acarretavam em benefícios que diziam respeito ao desenvolvimento socioeconômico dos lugares que sediavam as obras. Assim, o olhar modernizador em voga no país nas primeiras décadas do século XX também estava presente por trás do discurso de preocupação com as mazelas da seca, pois os açudes, barragens e estradas construídos representavam sinais de modernidade nessas regiões tidas como historicamente atrasadas (Albuquerque Jr., 2014).

Dessa maneira, o Seridó foi uma das regiões a receber um grande incentivo econômico e midiático para a construção de açudes públicos e privados. Entretanto, o fomento da construção pela imprensa estadual não era apenas para os açudes de grande porte, visto que as notícias acerca dos benefícios dos açudes eram recorrentes em jornais que circulavam no estado. No seguinte artigo de 1948, o jornalista Otto Guerra escreve sobre a importância da açudagem para o desenvolvimento do estado do Rio Grande do Norte:

Todos sabem do papel da açudagem nas regiões onde escasseiam chuvas regulares ou de regimes torrenciais, servindo, assim, a dois flagelos opostos, a seca e a inundação. [...] Grandes, médios ou pequenos, prestam os açudes um enorme benefício ao sertão e ao sertanejo, fixando as populações, fazendo nascer vilas e cidade, melhorando a alimentação, quer com abundância de peixes, quer permitindo vazante, fruticultura, fabrico permanente do queijo. (GUERRA, Jornal A Ordem, 1948, p.2)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nesse sentido, o jornalista argumenta em favor da construção dos açudes por meio dos benefícios que esses ocasionam para os sertanejos. Na matéria, Guerra aponta a melhora na qualidade de vida do sertanejo como um fator decorrente do acesso deste ao açude, desconsiderando o tamanho do açude. Através desse trecho, percebe-se também a importância desse tipo de construção na região para a melhoria da vida das famílias seridoenses. O contato com a água armazenada em açudes resulta em um menor índice de migração dos sertanejos, uma vez que a água represada em açudes supria algumas necessidades das famílias durante a seca através, principalmente, da garantia da alimentação.

Por sua vez, essa necessidade básica que durante os longos períodos de estiagem entrava em risco pela falta de água para ser consumida pela população, na agricultura de subsistência e no cuidado dos animais da pecuária (Faria, 1980). Na década de 1930, com a grande estiagem, a alimentação dos seridoenses foi novamente prejudicada, o que catalisando a migração de milhares de seridoenses para cidades como Caicó, por exemplo, cuja fome não era um problema e, portanto, foi o destino desses retirantes em 1932 (Andrade, 2007).

De um ponto de vista historiográfico nacional, os sertões brasileiros, especialmente os sertões nordestinos foram interpretados e colocados na posição de contrário à civilização representada pelas áreas litorâneas, cuja sociedade seria civilizada a exemplo da sociedade europeia (Moraes, 2003). A partir dessa perspectiva, o sertão nordestino passou também a ser marginalizado em razão da sua extrema pobreza retratada em obras artísticas e literárias dos séculos XIX e XX (Albuquerque Jr, 2011) com figuras esqueléticas, famintas e moribundas fugindo da morte que a seca anuncia.

Nesse sentido, diante das representações que compactuaram para a criação do imaginário dos sertões nordestinos como um lugar de fome e morte, a açudagem surge como um feixe de esperança para os sertanejos, visto que carregava consigo a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

possibilidade de estabilidade rural desse povo e oferecia uma chance de modernizar esses sertões que eram vistos como atrasados em face da modernidade do sul do país. Assim, destaca-se a relação do seridoense com o açude como uma forma de superar as limitações climáticas para a sobrevivência no sertão nordestino.

Nesse contexto, a despeito de simbolizar a esperança para o sertanejo da primeira metade do século XX, a açudagem representa também uma prática que expressa a relação do sertanejo com o meio ambiente em que ele vive, imprimindo sua marca nos sertões nordestinos através da tentativa tecnicista de tentar dominar a natureza em busca de conforto e estabilidade habitacional. Esse modo de se relacionar com a natureza, por sua vez, caracteriza o antropoceno, haja vista o ato de moldar o meio ambiente em favor da humanidade (Crutzen e Stoermer, [2000] 2020).

Ainda que haja, na historiografia variadas teses a respeito do início do antropoceno, é possível compreender que a ação humana para com o meio ambiente e o seu impacto são fundamentais para a compreensão dessa nova era geológica (Crutzen e Stoermer, [2000] 2020), uma vez que as diferentes explorações naturais modificaram a dinâmica geoclimática terrestre. Em vista disso, a despeito da falta de consenso com relação ao início do antropoceno, Turin (2022) destaca a relevância da exploração natural como um ato a ser pensado no que diz respeito a relação entre humanidade e meio ambiente no contexto do antropoceno.

Dessa maneira, destaca-se dois fatores que impulsionaram uma mudança no paradigma da percepção da natureza pelo ser humano e sua consequente mudança na forma de se relacionar com o natural. Assim, destaca-se a herança religiosa cristã protestante e o pensamento científico ocidental moderno (Kesselring, 2000), importantes aspectos para refletir acerca dessa mudança.

Segundo Kesselring (2000), o pensamento moderno tem uma herança teológica, isto é, uma herança de ideias baseadas em crenças religiosas. Tal herança

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

também se expressa através do relacionamento entre deus e a natureza. Desse modo, Lenoble (2001) destaca que no período medieval o pensamento científico ainda está bastante atrelado ao sagrado, assim, tem-se que o homem estava inserido na natureza, visto que ele era, tal como a natureza, criação divina. Entretanto, a perspectiva humana vai se alterando, de forma que o homem passa a não mais estar dentro da natureza, mas a interagir com ela por meio do pensamento, uma vez que essa passa a ser seu objeto de estudo através das ciências (Kesselring, 2000).

Sendo assim, nessa perspectiva científicista, a natureza passa a fazer parte do mundo material, enquanto o pensamento, imaterial, não faz parte desse mundo. Dessa maneira, destaca-se o humano no papel central de dominador da natureza. Portanto, tem-se o ser humano modificando o meio ambiente em busca de adaptação e permanência no planeta, a exemplo das construções de represamento de água através da técnica científica que lhe possibilita a fixação coletiva em zonas áridas ou semiáridas como a região do Seridó, por exemplo.

Não obstante, a religião tem também um fator proeminente na mudança da relação entre humanos e natureza, uma vez que a partir das crenças protestantes, uma nova forma de enxergar a natureza foi se gestando de modo diferente da percepção da natureza para o catolicismo. Isto é, enquanto no catolicismo havia a contemplação do natural como expressão e dádiva divinas, no protestantismo havia a noção da natureza como objeto, ou seja, como ferramenta do pensamento passível de ser analisada e compreendida (Kesselring, 2000). Dessa maneira, destaca-se que a proximidade das religiões protestantes com o pensamento científicista moderno.

É nessa perspectiva que a açudagem se insere no debate acerca do antropoceno enquanto representação física da relação entre humanidade e meio ambiente, visto que o saber técnico e a ação humana se encontraram e imprimiram sua marca nos sertões nordestinos através das obras de açudagem, pensadas como uma solução emergencial para o problema das secas. Mas tida, por outro lado, como

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

uma marca humana na natureza na tentativa de fazê-la permitir a sobrevivência da humana nesse ambiente difícil que é o sertão semiárido.

A açudagem no discurso escrito norte rio grandense

Na primeira metade do século XX a açudagem era uma prática tecnicista que estava em alta nos territórios do “Polígono das Secas”. Essa prática, fomentada pelo governo federal a partir dos investimentos para a construção de açudes financiados pela Inspetoria Federal de Obras Públicas Contra as Secas (IFOCS) – mais tarde conhecida como DNOCS –, gerou muitos discursos jornalísticos especulando acerca dessas obras no nordeste brasileiro.

Assim, no espaço entre as décadas de 1930 e 1940 a pesquisa realizada nos periódicos norte rio grandenses “A Ordem” e “Diário de Natal” demonstrou diversas ocorrências para os termos “açude” e “açudagem”. Entre as notícias, destaca-se matérias jornalísticas de três tipos: matérias que reforçam o sucesso dos açudes no combate à seca, anúncios de construção de novos açudes pelo estado do Rio Grande do Norte e artigos que ressaltam a região do Seridó como um exemplo no que diz respeito a construção de açudes.

Conforme observado nos periódicos pesquisados, durante esse período o açude ainda era enxergado pela imprensa jornalística como uma saída emergencial para a seca. Dessa maneira, a região do Seridó era uma das mais destacadas pela realização dessas obras, públicas ou privadas, em seus municípios. Aclamada pelos jornais estaduais como um cenário onde os homens não desistiram de lutar pela sua sobrevivência, a importância dos açudes era propagandeada:

O açude para o nordestino é a célula que abriga uma policultura revolucionária a nossa monocultura ancestral. Sem ele, seria impossível a vida nos sertões. Com ele a Argélia, a Índia e os Estados Unidos solucionaram seus problemas climáticos, idênticos em grande parte aos nossos. [...]. O açude, mesmo sem irrigação, ainda é a maior fonte de renda das fazendas sertanejas, valorizando-as crescentemente. Além de lhes fornecer água para o rebanho, devolve ao proprietário a terra

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

roubada pela erosão que nele deposita. Com o açude nasce um foco de produção das mais variadas [...]. É nele que vamos encontrar a explicação da sobrevivência dos flagelados nas sêcas, evitando tragédias como as de 1877 [...]. (FARIA, *Jornal Diário de Natal*, 1948, p.6)

Observa-se a utilização de argumentos comparativos no trecho do periódico escrito pelo jornalista e memorialista Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007), filho do ex-governador do estado, Juvenal Lamartine. O argumento demonstra como o açude é importante para o desenvolvimento da vida nas zonas semiáridas. Entretanto, Faria escreve para o povo norte rio grandense, onde o jornal circula, mas, mais importante, ele escreve para os seridoenses, cuja região é um dos destaques desses jornais no que diz respeito a construção de açudes.

Oswaldo Lamartine de Faria foi um dos memorialistas que escreveram a respeito do Seridó, sem, contudo, viver o lugar (Santos, 2018). Suas obras percorrem o cotidiano do sertanejo seridoense através das memórias de suas curtas experiências no sertão seridoense. Faria também foi jornalista e escreveu diversas matérias para jornais do Rio Grande do Norte, como o *Diário de Natal*, por exemplo.

Em 1980, foi publicado pelo Senado Federal o livro “Sertões do Seridó”, um compilado de ensaios de Faria acerca do Seridó. Nesse livro, são abundantes os ensaios que versam acerca dos açudes, destacando os detalhes e os perigos da sua construção, a rotina de trabalho dos construtores. Para além disso, há também a narrativa a respeito do cotidiano dos seridoenses do século XX e a história da região, principalmente acerca dos elementos significativos para a sua economia, isto é, a pecuária e o algodão.

É de se imaginar que as vantagens do açude se espalharam por aqueles mundos e devem ter acudido viventes dos quatro aceiros daquelas ribeiras para espiar, com os olhos que a terra tinha de comer, o viço da rama de batatas nas vazantes, a desova da curimatã nas primeiras águas, o capim de planta, de barreira a barreira, dando nos peitos de um homem ou o sítio de fruteiras no fresco das juzantes. E de boca em boca as vantagens eram contadas e cantadas no fresco das redes dos alpendres

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

antes da hora de assoprar os candeeiros ou nos encontros da rua para as feiras, as missas nos domingos ou nas obrigações do júri. (FARIA, 1980, p.27)

A importância do açude destacada por Oswaldo Lamartine de Faria (1980) está, sobretudo, na função social dessa construção. Para prover às famílias e animais em tempos de seca, a capacidade do açude era uma questão decisiva, já que quanto maior o porte, mais tempo ele resistiria em períodos de estiagem. Era através do açude que a pesca de subsistência era feita, a plantação de pequenas porções de terras irrigadas (as vazantes e jusantes), e a pecuária era abastecida juntamente com as famílias e dependentes dos fazendeiros.

A despeito de enxergar na açudagem uma tábua de salvação para o problema da estiagem no Seridó, a elite sertaneja também visualizava a vinda da modernidade para a região por meio das obras contra as secas promovidas pela IFOCS (Monteiro, 2002). É nesse sentido que a imprensa norte rio grandense publicava matérias jornalísticas em abundância defendendo a construção de açudes no estado.

Dessa maneira, a açudagem representava para o Seridó, assim como para as outras regiões e estados do “Polígono das Secas”, uma oportunidade para tentar provar que o clima e a geografia desfavoreciam o povo no que diz respeito ao avanço socioeconômico e urbano das regiões atingidas pela seca. Assim, a partir do acesso aos açudes, essas regiões poderiam se recuperar e modernizar suas cidades, como estava ocorrendo nas demais regiões brasileiras no contexto do século XX (Neves, 2014).

A partir dessa premissa, o Seridó passa então a ser destaque para o Rio Grande do Norte, uma vez que possui um grande número de açudes construídos através da IFOCS e de iniciativas particulares (Diário de Natal, 1948, p.2). Portanto, na perspectiva política, as recorrentes notícias sobre a açudagem no Seridó colaborava para que essa região alcançasse uma elevada posição nas configurações

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

políticas do estado, pois o açude era um símbolo fixo do seu caminhar progresso rumo a modernidade.

Em face da preocupação da elite seridoense em divulgar o posto da região como construtora de açudes, o próprio açude é inserido na literatura e na historiografia como símbolo construído do sucesso progressivo do Seridó, como é notório ao examinar a vasta produção historiográfica e memorialística regional. Ainda que o povo seridoense tenha feito desses lugares um elemento da cultura seridoense através da sua usabilidade, o açude vai se inserindo na cultura escrita seridoense por meio das questões sociopolíticas.

Dessa maneira, tem-se que a escrita seridoense a respeito do açude não é resultado apenas desse espaço visto sob a ótica da salvação emergencial do povo sertanejo das agruras da seca. Sua escrita é motivada também pois o açude é o objeto final da relação entre os sertanejos e o Estado – ou entre patrões e empregados se levar em conta a construção dos açudes privados –. A despeito da capacidade do açude, os sertanejos mais pobres, retirantes e sedentos por água foram a principal mão de obra usada nas construções, quer tenham sido elas financiadas pela IFOCS ou pelos fazendeiros que construíam açudes particulares em suas terras em troca de empregar os retirantes assentados nos municípios (Andrade, 2007).

Nesse sentido, a forte presença da técnica do açude na historiografia e literatura seridoense é decorrente de uma relação entre os sertanejos com o Estado e com o meio ambiente. Uma vez que através do Estado a açudagem foi impulsionada e assim o Seridó conseguiu mobilizar o discurso modernizador através dessa prática. A relação do sertanejo com o meio ambiente, contudo, apresenta-se de uma forma resiliente, que ao passo que modifica o espaço, também é modificado por ele ao consumi-lo de maneiras múltiplas, a destacar: irrigação, uso doméstico e para o lazer. Portanto, a açudagem se constitui como presença constante na cultura escrita

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

seridoense por meio dessa dupla relação que possui com o sertanejo, cujo símbolo representa modernidade e sobrevivência em uma região castigada pela natureza.

Considerações finais

Pensar a prática da açudagem no “Polígono das Secas” como constituidora de uma cultura escriturística no Seridó é pensar a respeito do impulso da construção de açudes na própria região do Seridó. A partir das matérias periódicas observadas e do discurso memorialístico foi possível observar a existência de uma preocupação da elite seridoense a respeito dos açudes na região.

Uma vez que o contexto de meados do século XX era de modernizar e integrar o país, os sertões secos enfrentavam a problemática da falta de água e a decorrente miséria. Entretanto, o Seridó foi se constituindo por meio do discurso como uma região a frente em termos de modernidade e integração, visto que o açude desempenhava um papel de interligar a região com a modernidade através da fixação dos homens na terra e posterior desenvolvimento da região.

Contudo, para além do papel de agente modernizador, o açude também desempenhava um papel social de garantir, de acordo com sua capacidade cúbica, o abastecimento de água nas casas das fazendas para uso cotidiano das pessoas e das criações da pecuária. Esse papel é bastante presente na narrativa do memorialista Oswaldo Lamartine de Faria (1980), embora sua escrita esteja mais voltada em explicar o funcionamento e construção do açude, ainda é possível observar os laços do açude com o povo sertanejo que o constrói e o utiliza.

REFERÊNCIAS

Fontes

FARIA, Oswaldo Lamartine. Problemas agrários do Rio G. do Norte. Jornal Diário de Natal, ed. 1557, jun., 1948. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=%

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

[22a%C3%A7ude%22;%20%22a%C3%A7udagem%22;&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=27971](https://memoria.bn.gov.br&pagfis=27971). Acesso em: 10 nov. 2024.

FARIA, Oswaldo Lamartine. **Sertões do Seridó**. Brasília: Senado Federal, 1980.

Gomes, Pimentel. A pequena açudagem. Jornal A Ordem, ed.: 01176, ago., 1939. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=%22a%C3%A7ude%22;%20%22a%C3%A7udagem%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4738>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GUERRA, Otto. Sempre os açudes. Jornal A Ordem, ed.: 0357A, jul., 1948. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=%22a%C3%A7ude%22;%20%22a%C3%A7udagem%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=17063>. Acesso em: 10 nov. 2024.

s/a. Açudagem. Jornal Diário de Natal, ed.: 01560, jun., 1948. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=%22a%C3%A7ude%22;%20%22a%C3%A7udagem%22;&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=27992. Acesso em: 10 nov. 2024.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (org.). **Cultura dos Sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 41-58.

ALBUQUERQUE JR., Duval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Juciene B. Félix. **Caicó**: uma cidade entre a recusa e a sedução. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 148f. Natal, 2007.

ANDRADE, Juciene B. Félix. Os sertões em debate: fronteiras, secas e instituições. **Projeto História**, São Paulo, v.69, p.275-311, 2020.

Bezerra, Paulo. **Cartas dos Sertões do Seridó**. Catálogo Biblioteca Pública Câmara Cascudo, 2013.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. O Antropoceno. Tradução: MENDES, João Ribeiro. **Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica**. 2020. p.113-116.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

DANTAS, José Adelino. **Homens e fatos do Seridó antigo**. Natal: Sebo Vermelho, 2008.

GUERRA, Paulo de Brito. **A Civilização da Seca**: o Nordeste é uma história mal contada. Fortaleza: Ministério do Interior, Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, 1981.

KESSELRING, Thomas. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. **Episteme**, Porto Alegre, n.11, p.153-172. 2000. Acesso em: 07 de out, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/135326>.

LENOBLE, Robert. **História da ideia de natureza**. Lisboa: Edições 70. 2001.

MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de. **Ser(Tão) Seridó**: em suas cartografias espaciais. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 120f. Natal, 2007

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: Cooperativa Cultural, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**, [s.l.], 4-5, p.1-8, 2003.

MORAIS, Ione. Seridó norte-rio-grandense: reestruturação e planejamento regional. **Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, v. 11, 2005. Disponível em: <<http://www.xienanpur.ufba.br/251.pdf>>. Acesso em: 12 de set. 2024.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**: Volume 1: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SANTOS, Evandro. Estilo e Temporalidades na Escrita de Oswaldo Lamartine de Faria: Em Busca do Tempo Perdido no Seridó Potiguar. *Revista Expedições, Morrinhos/GO*, v. 9, n. 1, jan./abr 2018.

TURIN, Rodrigo. A “catástrofe cósmica do presente”: alguns desafios do antropoceno para a consciência histórica contemporânea. In: IEDELKSI, Francine; MULLER, Angélica. **Historiografia do tempo presente**: mutações e reflexões. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/70916530/A_cat%C3%A1strofe_c%C3%B3smica_do_presente_alguns_desafios_do_Antropoceno_para_a_consci%C3%A2ncia_hist%C3%B3rica_contempor%C3%A2nea. Acesso em: 08, out. 2022.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade